

Conversation with economists: new classical economists and opponents speak out on the current controversy in macroeconomics

Klamer, Arjo. *Conversation with economists: new classical economists and opponents speak out on the current controversy in macroeconomics*. Rowman & Allanheld Publishers, 1984. 265 p.

JOSÉ AUGUSTO C. FERNANDES *

Um livro que, simultaneamente, incorpore intensas discussões sobre teoria, política econômica e histórias pessoais e que, ao final, ainda mantenha o sabor de um *thrilling* é, certamente, raro de ser encontrado nas estantes dos economistas.

Conversations with economists é um livro de leitura fascinante, em que Klamer, economista com formação acadêmica desenvolvida na Holanda e nos Estados Unidos, oferece um balanço do pensamento contemporâneo sobre as atuais controvérsias em teoria e política econômicas, através de entrevistas com alguns dos mais importantes economistas americanos (Robert Lucas, Thomas Sargent, Robert Townsend, James Tobin, Robert Solow, Franco Modigliani, Alan S. Blinder, John Taylor, Karl Brunner, David M. Gordon e Leonard A. Rapping).

Klamer domina as entrevistas com maestria e revela um rigoroso controle de roteiro, cuja tessitura é garantida pela motivação em explorar as controvérsias e os problemas de comunicação no discurso dos economistas. O autor retoma dúvidas e indagações que marcam a perplexidade do estudante de economia: Quem está correto? Não existe uma forma de se identificar a melhor teoria?

Klamer parte destas dúvidas sem incorporar ilusões quanto à capacidade de julgamento dos testes empíricos nas controvérsias dominantes entre

* Da CNI e do Departamento de Economia da PUC/RJ.

neoclássicos, neokeynesianos, novo-clássicos e demais economistas. Em sua perspectiva, a economia é a arte da persuasão:

“Os economistas argumentam para persuadir suas audiências do significado de suas idéias ou proposições. Minha interpretação das conversas ao final irá elaborar sobre as particularidades do processo de persuasão. Aqui é suficiente afirmar que a ênfase é na variedade de argumentos utilizados pelos economistas e sobretudo no papel dos julgamentos pessoais. Argumentarei que os economistas não são inteiramente imparciais, mas estão comprometidos desde o início a um ponto de vista que eles irão apoiar com diferentes tipos de argumentos. A persuasão dos seus argumentos é crítica e se um argumento persuade *não* é geralmente um problema de evidência ou lógica” (p. X).

Nas entrevistas, os argumentos de Klammer encontram – no que diz respeito às indagações quanto ao processo de desenvolvimento e aceitação da teoria das expectativas racionais – um bom campo de prova. A economia novo-clássica torna-se o instrumento utilizado para explorar as discordâncias e problemas de comunicação que povoam o mundo dos economistas.

O significado das noções de expectativas racionais e de equilíbrio nos modelos novo-clássicos é explorado nas indagações feitas aos economistas. Para o leitor não familiarizado com as controvérsias macroeconômicas, Klammer apresenta, no início do livro, um breve *survey* sobre o debate, de interesse para cursos de história do pensamento e de macroeconomia.

O título da edição inglesa – *The new classical economics arguments for and against* – não lhe faz justiça. As preocupações de Klammer são mais abrangentes.

Como pano de fundo, agregando argumentos à sua tese da economia como arte da persuasão, situam-se indagações sobre a aproximação do entrevistado com o estudo da economia, as principais influências na formação, a compreensão sobre as causas do desemprego, a visão sobre a economia keynesiana, a economia como ciência, o papel do formulador de política econômica e, *last but not least*, a relação pessoal e acadêmica dos economistas.

Ao final da leitura, certamente se terá tido um razoável contato com as idiosincrasias e características da personalidade dos economistas entrevistados e uma interessante e proveitosa incursão sobre a evolução da teoria macroeconômica. As entrevistas, individualmente, apresentam revelações distintas ao leitor: em algumas, o interesse predomina nas características reveladas quanto à personalidade do autor e, em outras, na relevância das discussões técnicas apontadas.

Algumas declarações se destacam, como, por exemplo, as de Lucas, que impressiona pelo ímpeto de suas afirmações sobre a *Teoria Geral*:

“Eu a acho escrita sem cuidado, escrita sem um charme especial, algumas vezes escrita de forma desonesta. Eu não gosto do tom arrogante. Eu não gosto desta espécie de coisa aristocrática britânica” * (p. 50).

Solow, a contraparte keynesiana, sobressai-se pelo humor penetrante:

“Eu não vejo uma conexão intelectual entre um Hyman Minsky, de um lado, que acontece ser um dos meus mais velhos amigos, e alguém como Alfred Eichner, exceto que eles são todos contrários à mesma coisa, notadamente à economia corrente, seja lá o que for” (p. 137).

E pela coragem em se expor:

“... em qualquer conversa entre, digamos, Lucas ou Sargent e eu há um elemento de jogo. Há uma tentativa de se fixar em um ponto de debate sempre que ele se apresenta” (p. 145).

Sargent e Tobin surgem, no entanto, com as entrevistas de maior interesse teórico.

Sargent coloca o papel da teoria das expectativas racionais, no desenvolvimento da macroeconomia, em uma moldura que dificilmente economistas menos sensíveis a elas deixariam de aceitar:

“Eu afirmo que a expectativa racional é terrivelmente frutífera, mesmo que nunca proporcione uma resposta única. A razão é que ela altera o modo como você pensa política econômica” (p. 75).

Ou ainda, em outra passagem:

“A percepção-chave das expectativas racionais é que agentes privados modificam suas regras de decisão quando o governo muda sua política” (p. 66).

Tobin revela o seu processo de aproximação:

“Eu penso que demorei para usar expectativas... É interessante que há muito em Keynes sobre expectativas da eficiência marginal do capital mas muito pouco sobre expectativas de inflação” (p. 104).

As suas intervenções mais interessantes residem, no entanto, nas críticas metodológicas e na sua identificação do realismo das hipóteses como elemento explicativo das diferenças entre os novo-clássicos e os keynesianos.

* Neste caso, a citação merece ser reproduzida no original em inglês:

“I find it carelessly written, not especially gracefully written, sometimes dishonestly written. I don't like the bullying tone. I don't like the sort of British aristocratic stuff”.

As demais entrevistas não são menos interessantes. É estimulante acompanhar a evolução de Blinder, um dos economistas representativos da nova geração neokeynesiana; as ponderações de Brunner quanto às diferenças entre os novo-clássicos e os monetaristas; a presença do “institucional” em Modigliani; Gordon e Rapping digladiando à margem da corrente. Deste último, co-autor com Lucas de um dos primeiros artigos exploratórios das expectativas racionais, tem-se uma das mais surpreendentes trajetórias, seu abandono à economia convencional, tragado pelas perplexidades associadas à Guerra da Indochina.

Quando se comparam as entrevistas, identifica-se um elemento comum na crítica à economia novo-clássica. O foco principal de Tobin — o realismo das hipóteses — é admitido, sem uma única exceção, por todos os economistas entrevistados que o discutem criticamente. Esta crítica desenvolve-se através de dois canais: *a)* o realismo das expectativas racionais; e *b)* a existência de flexibilidade plena dos preços e salários.

O ataque às expectativas racionais transforma-se, por vezes, em crítica derivada do senso comum. Frases como “é um modelo absurdo do mundo real”, “a economia não funciona desta forma” e “como é possível que nossas expectativas sejam consistentes com as previsões de um elaborado modelo econômico que a maior parte das pessoas não pode compreender” estão presentes em todas as entrevistas.

Para os críticos, a hipótese crucial reside na flexibilidade plena de salários e preços. A existência de expectativas racionais é, em geral, percebida como uma cortina de fumaça ou uma hipótese secundária.

Esta perspectiva não deixa de ser reforçada por uma afirmação de Sargent quanto ao fato de a força das expectativas racionais residir na imposição de “uma disciplina de equilíbrio geral”. Da mesma forma, é comum aos economistas novo-clássicos a referência às dificuldades de reduzir a modelos formais o comportamento macroeconômico quando não se considera a plena flexibilidade dos preços.

Nestes termos, a essência do debate sobre teoria econômica do final dos anos 70 não parece particularmente distinta da dominante no imediato pós-guerra. Alguns ingredientes revelam-se comuns, ou seja, a persistente busca de um comportamento agregado consistente com a maximização individual e os mesmos resultados: a neutralidade da moeda e a ineficácia de políticas governamentais.

A discussão teórica dos keynesianos e dos novo-clássicos transmuta-se em retorno às controvérsias entre análises de equilíbrio e desequilíbrio, sob um novo suporte de sofisticada técnica que leva a velhos resultados. Não é, pois, surpreendente que a discussão sobre o realismo das hipóteses ocupe o centro do debate e, igualmente, que as controvérsias revelem-se raramente convergentes.

Existem, neste debate, problemas de método e visão diferentes do que corresponde o desenvolvimento da economia, centrais à própria formulação

da contra-argumentação teórica. Com efeito, o papel do “realismo” na teoria econômica é claramente distinto entre os economistas novo-clássicos e keynesianos.

Lucas (Methods and problems in business cycle theory, *Journal of Money, Credit and Banking*, 12 (4), pt. 2, nov. 1980) insiste na importância de se manter uma nítida distinção entre a economia real e a economia análoga (modelo). Em sua concepção, a função da economia teórica é a de prover modelos articulados de sistemas econômicos artificiais. Na medida em que existem opiniões diferentes quanto à forma de reação da economia real a determinadas políticas, a teoria deixaria de ser eficiente no sentido de indicar que opiniões sobre o comportamento da economia real são corretas. É, neste sentido, que Lucas insiste que o realismo dos modelos econômicos subverte o seu uso potencial na compreensão da realidade.

Para enfrentar esta visão, o argumento poderia ser mais efetivo, caso localizasse mais a sua atenção na crítica à lógica interna em lugar da crítica ao realismo das hipóteses. Este ponto constitui-se em um problema recorrente no debate econômico. É exemplo a controvérsia existente na teoria microeconômica sobre as hipóteses de maximização de lucros, um aspecto de importância secundária na crítica à economia neoclássica. A crítica de Keynes aos clássicos no Cap. 19 da *Teoria Geral* ilustra uma bem-sucedida argumentação não baseada no realismo das hipóteses.

Isto não significa, no entanto, que a crítica dos economistas nekeynesianos seja irrelevante. O que parece é que no debate acadêmico a crítica ao realismo das hipóteses deve constituir-se em recurso de última instância.

A natureza da concepção da economia como ciência representa ainda um dos tópicos centrais do debate teórico. Seguindo-se Lucas, não seria incorreto afirmar que a economia novo-clássica reflete simplesmente o estado das artes. Na medida em que as técnicas avancem, os economistas novo-clássicos poderão formalizar situações de desequilíbrio, levando provavelmente a resultados distintos dos modelos (então *old-fashionable*) de equilíbrio.

Resulta da economia novo-clássica a restauração do princípio de equilíbrio de mercado. Se esta dimensão não incorpora avanços no debate macroeconômico, não se pode deixar de creditar o seu impacto sobre novas formas de se pensar a economia. A noção de expectativas racionais, por via direta ou indireta, certamente terá o seu lugar na teoria macroeconômica ao forçar a atenção dos economistas em direção à avaliação de regimes e estratégias de governo sobre as expectativas dos agentes econômicos.

Destas entrevistas, o que emerge, para Klammer, é:

“... um senso de diversidade dos argumentos no discurso econômico. Os economistas não apenas constroem modelos e conduzem testes empíricos, mas também argumentam sobre como um bom modelo deve ser. Além disso, eles filosofam, apelam ao senso comum e falam sobre outros economistas e seu trabalho. A economia envolve a arte da persuasão.

Na ausência de padrões uniformes e testes empíricos, os economistas têm que repousar em julgamentos e argumentam de forma a torná-los persuasivos. Este processo abre espaço para elementos não-rationais, tais como compromisso pessoal e estilo e disciplina social” (pp. 237-8).

Não é preciso, no entanto, aceitar as teses do autor quanto à dimensão retórica da economia para que se tenha um bom proveito da sua leitura. Além de o leitor se forçar a uma avaliação do seu próprio processo de aproximação/reação à teoria das expectativas racionais (e certamente a tantas outras teorias e técnicas), a leitura revela, através das entrevistas, um interessante e instigante painel da evolução do debate macroeconômico contemporâneo.